



Contemporânea
Contemporary Journal
1(3): 147-160, 2021
ISSN: 2447-0961

Artigo

Saberes Terena ecológicos ancestrais na proteção da natureza¹

Terena ancestral ecological knowledge in the protection of nature

Recebimento do original: 29/11/2021
Aceitação para publicação: 15/12/2021

Elisangela Castedo Maria do Nascimento

Doutora em Educação, Mestre em Ensino de Ciências, Especialista em Manejo de recursos naturais, Especialista em Gestão Escolar, graduada em Biologia e Pedagogia, Educadora na Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul. ecmcastedo@gmail.com

RESUMO: Os impactos ambientais negativos têm causado muitos problemas à humanidade, e geralmente culminam em problemas de saúde. Um exemplo é a Pandemia do coronavírus (Sars-Cov-2). A maioria das pessoas não entende que o surgimento de novas doenças pode ter origem fatores naturais ou decorrentes da ação humana degradando a natureza. A pandemia tem atingido a todos de maneira desigual. A pandemia tem sido mais letal nas comunidades de baixa renda, entulhados nas periferias, nas favelas e nas comunidades indígenas, mostrando as desigualdades sociais. Faremos uma reflexão sobre os saberes ecológicos ancestrais e a proteção da natureza. Os objetivos são: a) apresentar os efeitos da Pandemia nas aldeias Terena do município de Aquidauana – Mato Grosso do Sul; e b) abordar o uso sustentável do meio ambiente pelos Terena. Fundamentamos a pesquisa na teoria pós-colonial, pois, busca entender o lugar, a cultura e narrativa considerando que o cotidiano está relacionado à experiência vivida com o ambiente e produzindo narrativas que refletem essa relação.

¹ Pesquisa financiada por bolsa CAPES/PROSUC.



Compreendemos que devemos olhar para a cultura indígena como fonte de aprendizagem, para a construção de um outro estilo de vida, que compreenda a pluralidade de pensamentos outros, de culturas outras, em colaboração com a manutenção e sustentabilidade planetária.

Palavras-chave: Saberes ecológicos. Natureza. Etnia Terena.

ABSTRACT: Negative environmental impacts have caused many problems for humanity, and often culminate in health problems. An example is the Coronavirus Pandemic (Sars-Cov-2). Most people do not understand that the emergence of new diseases can originate from natural factors or from human action degrading nature. The pandemic has hit everyone unevenly. The pandemic has been most lethal in low-income communities, crammed into the periphery, slums and indigenous communities, showing social inequalities. We will reflect on ancestral ecological knowledge and nature protection. The objectives are: a) to present the effects of the Pandemic in Terena villages in the municipality of Aquidauana – Mato Grosso do Sul; and b) address the sustainable use of the environment by the Terena. We base the research on postcolonial theory, as it seeks to understand the place, culture and narrative considering that everyday life is related to the experience lived with the environment and producing narratives that reflect this relationship. We understand that we must look at indigenous culture as a source of learning, for the construction of a different lifestyle, one that comprises the plurality of other thoughts, of other cultures, in collaboration with planetary maintenance and sustainability.

Keywords: Ecological knowledge. Nature. Terena ethnicity.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

INTRODUÇÃO

Esse artigo é um dos resultados obtidos no projeto de pesquisa: *Saberes indígenas e Educação Ambiental: aprendendo com os Terena da Aldeia Lagoinha em Aquidauana – Mato Grosso do Sul* do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) na linha de



Pesquisa Diversidade Cultural e Educação Indígena. Neste artigo faremos uma reflexão sobre os saberes ecológicos ancestrais e a proteção da natureza.

Os impactos ambientais negativos têm causado muitos problemas à humanidade, e geralmente culminam em problemas de saúde. Um exemplo é a Pandemia do coronavírus (Sars-Cov-2). Infelizmente a maioria das pessoas não consegue entender que o surgimento de novas doenças pode ter origem em diversos fatores, que podem ser naturais ou decorrentes da ação humana por meio da degradação da natureza. Existe uma relação entre essas doenças e as atividades antrópicas que alteram o ciclo da natureza e o quanto somos afetados pelas nossas próprias ações. Desmatamentos, tráfico de animais silvestres, a crise climática, ocasionam a diminuição ou extinção de espécies, a destruição de habitats entre outros impactos negativos no meio ambiente, o que acaba afetando nossa saúde.

A pandemia tem atingido a todos de maneira desigual. A pandemia tem sido mais letal nas comunidades de baixa renda, entulhados nas periferias, nas favelas e nas comunidades indígenas, mostrando as desigualdades sociais.

Neste sentido, objetivamos neste artigo: a) apresentar os efeitos da Pandemia nas aldeias Terena do município de Aquidauana – Mato Grosso do Sul; e b) abordar o uso sustentável do meio ambiente pelos Terena. Dessa forma, podemos aprender a valorizar seus saberes, visto que, podem servir de exemplo e contribuição para uma mudança de atitude da sociedade ocidental, em busca de uma vida sustentável e saudável, se quisermos que a humanidade continue a habitar esse planeta.

Para alcançar esses objetivos fundamentamos a pesquisa na teoria pós-colonial, pois, busca entender o lugar, a cultura e narrativa considerando que o cotidiano está estreitamente relacionado à experiência vivida com o ambiente e produzindo narrativas que refletem essa relação.



METODOLOGIA

Optamos por realizar uma pesquisa do tipo qualitativa e bibliográfica na busca da compreensão da relação ambiental do indígena com a natureza, visto que, esse tipo de pesquisa é reconhecido entre as ciências sociais, como tendo “um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, dos motivos, das crenças, dos valores e das atitudes” (DESLANDES, GOMES e MINAYO, 2009, p. 21).

A pesquisa foi ancorada no método da História Oral que possui técnicas para registrar e interpretar histórias orais presentes na memória individual ou coletiva passadas através das gerações oralmente e também pelo fato da história oral ser uma forma de ouvir os silenciados pelo colonialismo, com intuito de aprender a valorizar os conhecimentos das sociedades detentoras de conhecimentos tradicionais.

A ETNIA TERENA DA ALDEIA LAGOINHA NO MUNICÍPIO DE AQUIDAUANA – MATO GROSSO DO SUL E A PANDEMIA

Os Terena em Mato Grosso do Sul, vivem em aldeias cercadas por fazendas nas cidades de Miranda, Aquidauana, Anastácio, Dois Irmãos do Buriti, Sidrolândia, Nioaque e Rochedo, mas há também aqueles que vivem em Porto Murtinho em Terra Indígena (TI) Kadiweu e em Dourados na Terra Indígena Guarani. (BITTENCOURT e LADEIRA, 2000; VIEIRA, 2010; OLIVEIRA, 1976).

No Município de Aquidauana há 3 áreas de concentração indígena, a terra Indígena Taunay/Ipegue com 7 aldeias, a Terra Indígena Limão Verde com quatro aldeias e a aldeia Urbana Tico Lipú.

A aldeia Lagoinha pertence à Terra Indígena Taunay/Ipegue e está localizada no distrito de Taunay, pertencente ao Município de Aquidauana. Esse distrito se localiza a 50 km de Aquidauana e a aldeia Lagoinha se localiza a 2 km



do distrito de Taunay. Dessa forma, temos 39 km de estrada pavimentada e 13 km de estrada não pavimentada. Além da aldeia Lagoinha, nessa área temos mais 7 aldeias sendo elas: Ipegue, Bananal, Água Branca, Imbirussu, Colônia Nova, Morrinho e mais 15 áreas de retomadas que somam 33900 hectares.

Em nossas observações, percebemos que os Terena, de maneira geral, gostam muito de estar juntos, seja em família, em festas ou comemorações, tudo é motivo para se reunirem.

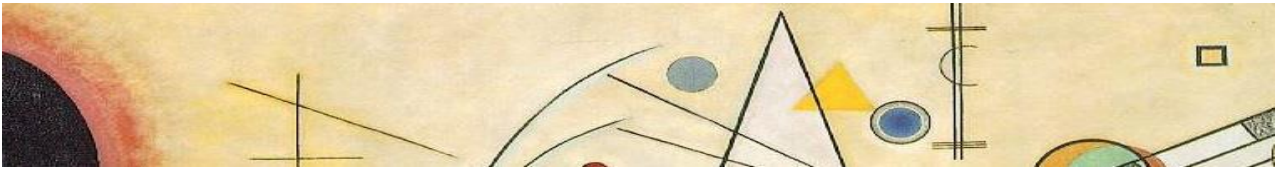
Uma aglomeração, onde estiveram presentes vários políticos, que faziam a promessa de estender a pavimentação asfáltica da rodovia até o Distrito de Taunay, foi uma, entre várias situações que fizeram com que o novo coronavírus (Sars-Cov-2) se alastrasse nas aldeias da TI Taunay/Ipegue, ceifando várias vidas.

O Conselho Indigenista Missionário (CIMI), em seu site, divulgou uma nota no dia vinte e quatro de julho de dois mil e vinte sobre essa situação:

[...] um grupo de organizações cobrou que se investigue a responsabilidade de membros do Governo do Estado de Mato Grosso do Sul (MS) e da Assembleia Legislativa do Estado por assumirem o risco de contágio por coronavírus da comunidade Terena, em Aquidauana (MS). Membros do primeiro escalão do Governo do Estado do MS e da Assembleia Legislativa do Estado promoverem, no dia dois de julho, a assinatura pública de uma obra de pavimentação asfáltica. Segundo o documento, na ocasião se promoveu a aglomeração de dezenas de pessoas das comunidades indígenas do distrito de Taunay-Ipegue. Entre os presentes no evento estava o deputado Paulo Corrêa (PSDB), que testou positivo para Covid-19 uma semana após o encontro com indígenas e se afastou da presidência da Assembleia Legislativa. Na nota, entidades afirmam que a testagem positiva de Corrêa é uma "probabilidade de alastramento da doença entre os presentes no evento público" com indígenas. Isso porque indígenas que estiveram no encontro começaram a relatar os primeiros sintomas paralelamente a confirmação do teste do deputado Paulo Corrêa (CIMI, 2020, p. 1).

Acredita-se que esse evento tenha desencadeado a rápida transmissão e muitas mortes de indígenas do Município de Aquidauana e região.

No mês de agosto, 900 indígenas estavam infectados na região de Aquidauana e 33 foram a óbito. As covas para sepultar as vítimas estavam sendo



abertas em forma de mutirão e os indígenas enterravam seus parentes sem a mínima proteção, aumentando a probabilidade de infecção. Os Terena denunciaram pelas redes sociais que os médicos do programa médicos sem fronteiras não foram autorizados a trabalhar nas aldeias e mostraram o estado precário dos postos de saúde sem estrutura de atendimento. Após as denúncias a prefeitura de Aquidauana enviou três equipes médicas, assim como a Secretaria Nacional de Saúde Indígena criou um mutirão em sete polos de aldeias (G1, 2020²).

A Secretaria Especial de Saúde Indígena declarou que atendeu mais de 1.200 índios terena em um mutirão nas aldeias da região de Aquidauana no começo de agosto e que tem quase 700 profissionais de saúde para atender 80 mil índios que vivem em Mato Grosso do Sul (G1, 2020, p.1).

Ainda segundo o site G1, na cidade de Aquidauana, o polo base de atenção indígena, após uma chuva, ficou literalmente alagado, molhando medicamentos, materiais e testes rápidos para a covid-19, onde tudo se perdeu.

A tabela 1 mostra os dados referentes aos casos da covid-19 entre os indígenas em Mato Grosso do Sul no mês de novembro, onde os casos confirmados triplicaram em relação ao mês de agosto que eram de 900 infecções.

Tabela 1 - Casos suspeitos, confirmados, descartados, infectados atualmente, cura clínica e óbitos por COVID-19 em indígenas atendidos pelo Subsistema de Atenção à Saúde Indígena, por DSEI.

DSEI	Casos Suspeitos	Casos Confirmados	Descartados	Infectados (atual)	Recuperados	Óbitos
Mato Grosso do Sul	21	2827	6781	45	2698	71

Fonte: Adaptado de Ministério da Saúde; Secretaria Especial de Saúde Indígena.³

² <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/08/20/situacao-e-critica-em-aldeias-de-aquidauana-ms-quase-mil-indigenas-ja-tiveram-covid.ghtml>

³ Boletim Epidemiológico 196. Disponível em: https://saudeindigena1.websiteseguro.com/coronavirus/pdf/23-11-2020_Boletim%20epidemiologico%20SESAI%20sobre%20COVID%2019.pdf Acesso em: 10/01/2021.



A FUNAI, órgão federal responsável pela implementação de políticas de proteção aos povos indígenas, vem sofrendo há anos com constantes cortes de verbas, sucateamento e falta de estrutura. A pandemia revelou essa situação crítica que se reflete na saúde dos povos indígenas que possuíam um número elevado de casos confirmados de covid-19.

Segundo a Fiocruz (2020), Covid-19 não é pandemia e sim sindemia termo criado pelo médico Merrill Singer em 1990, usando a junção das palavras sinergia mais pandemia. Segundo Merrill, em entrevista à BBC, o termo designa uma situação onde

[...] duas ou mais enfermidades interagem de forma que causam um dano maior do que a mera soma das duas enfermidades causariam. O impacto dessa interação também é facilitado pelas condições sociais e ambientais que interagem com essas duas enfermidades, ou fazem com que a população seja mais vulnerável a seu impacto (BBC, 2020, p.1).

A interação das doenças com o aspecto social faz com que não seja apenas uma comorbidade. Os médicos descobriram que algumas doenças amplificam seus danos em coexistência como é o caso da covid-19 que interage com: diabetes, câncer, cardíacos, inclusive obesos. Doenças como diabetes, desnutrição são comuns em indivíduos de baixa renda e minorias étnicas, dessa forma, essas comunidades têm sido mais atingidas pelo coronavírus (FIOCRUZ, 2020). Neste sentido, não se pode pensar no vírus, ou seja, na saúde, de forma desassociada das questões sociais e ambientais.

As atividades antrópicas alteram o ciclo da natureza, e por fazermos parte da natureza, somos afetados pelas nossas próprias ações. Desmatamentos, queimadas, tráfico de animais silvestres, a crise climática e hídrica, ocasionam a diminuição ou extinção de espécies, a destruição de habitats entre outros impactos negativos no meio ambiente, o que acaba afetando nossa saúde. A maioria das pessoas não conseguem enxergar a relação, mas o médico infectologista Marcos Boulos explicou no dia 25 de março de 2020 para o



Repórter Eco⁴ da TV Cultura, como as alterações ambientais disseminam doenças.

Os microrganismos que viviam de vários animais, que os animais foram desaparecendo, eles começam a ficar mais frequente no homem. Então nós começamos a ter, sejam vírus, bactérias, protozoários, fungos, dos animais e adquirimos doenças dos animais também, que eram originários dos animais e elas se adaptam ao homem, então ele fica mais doente (BOULOS, 2020, [s/p]).

O médico explica que os microrganismos que habitavam espécies de animais que estão desaparecendo, se extinguindo, passaram a habitar os seres humanos causando doenças.

O surgimento de novas doenças pode ter origem em diversos fatores que podem ser naturais ou decorrentes da ação humana por meio da degradação da natureza como é o caso do vírus Nipah. Em função do desmatamento, em 1998, na Malásia, os morcegos migraram em busca de alimentos. Numa região, onde havia produção de mangas e criação de porcos, os morcegos se estabeleceram. Os porcos comiam as mangas contaminadas pela saliva do morcego, e contaminavam os humanos que faziam o manejo dos porcos. Embora o vírus não causasse doença no morcego, ao entrar em contato com o porco sofreu mutação e passou a causar doença respiratória grave em humanos (ECOHEALTH ALLIANCE, 2020).

Tudo está conectado numa rede de relações, assim como a perda de biodiversidade, consequência dos impactos negativos ao meio ambiente, que obrigou o morcego a procurar um novo habitat, também obrigou os microrganismos procurar outros habitats, ou seja, outras espécies, causando novas doenças e letais a nossa espécie.

Todos esses exemplos nos mostram que a exploração capitalista da natureza é um desdobramento da colonialidade do ser, do poder, do saber e do ambiente (QUIJANO, 2014; FIGUEIREDO, 2010; WALSH, 2009). A colonialidade

⁴ Programa jornalístico especializado em meio ambiente e sustentabilidade.
<https://www.youtube.com/watch?v=6ytj5mvpK0w>



do poder, do saber, do ser e do ambiente que o ser humano exerce sobre a natureza impõe “comportamentos, saberes, conhecimentos que se constituem no modelo ideológico dominante, que desqualifica e inferioriza” (LIMA, 2014, p. 19) outros seres.

A Pandemia de covid-19 está sendo uma dura lição para a humanidade, é hora de entendermos que as nossas ações têm causado reações da natureza contra nós mesmos, e que a sobrevivência da nossa espécie depende da sobrevivência das demais, ou seja, não somos mais e nem melhores que as outras. Essa está sendo uma oportunidade de mudar o olhar e aprendermos que é possível viver de forma sustentável.

Os povos indígenas e comunidades locais já mostraram que o uso sustentável da terra além de ser possível, é um instrumento poderoso para proteger a natureza.

A diversidade cultural dos povos indígenas e comunidades locais nas Américas oferecem uma infinidade de conhecimento e visões de mundo para gerenciar a biodiversidade e as contribuições da natureza para as pessoas de forma consistente com os valores culturais, promovendo a interação respeitosa com a natureza. Os sistemas de conhecimento locais e indígenas na região têm mostrado sua capacidade de proteger e administrar os territórios sob seu conjunto particular de valores, tecnologias e práticas, mesmo em um mundo globalizado. Além disso, muitas culturas que imigraram para as Américas nos últimos cinco séculos contribuem para a diversidade de valores. Este coletivo de diversidade oferece muitas oportunidades para desenvolver o mundo visões compatíveis com usos sustentáveis e respeito pela natureza em um mundo globalizado (IPBES, 2018, p. 12, tradução nossa).

Os indígenas da aldeia Lagoinha, possuem um apreço profundo pelo meio ambiente de onde vivem. Entre as vezes que conversamos com o irmão do cacique, professor de história, Fernando Moreira sobre sua cultura e a natureza, ele nos respondeu que o indígena Terena tem uma relação diferente dos não indígenas com a natureza e que “a cultura indígena nunca foi entendida pelas outras culturas quando se fala em sobrenatural, sobre natureza, estamos (nós



índios) ligados à natureza que até nós não temos como explicar, para entender é preciso viver aqui no meio da gente”.

Buscamos entender as palavras de Fernando com a compreensão de Kopenawa, no livro “a queda do céu”. Os indígenas, enxergam que sua sobrevivência depende dos cuidados com a natureza. Para Kopenawa, os xamãs como ele, são responsáveis em ajudar a sustentar o céu, para que o mundo não seja destruído.

Parem de destruir as florestas onde vivem meus espíritos, meus filhos e meus genros! A terra em que vocês foram criados também é vasta! Portanto, fiquem morando nas pegadas de seus ancestrais! Essas palavras vêm do que os habitantes das cidades chamam de natureza (KOPENAWA e ALBERT, 2015, p. 478).

A Natureza tem nos alertado, nas palavras do xamã, mas a sociedade ocidental continua a não ouvir e a enxergar na Natureza apenas os recursos que ela pode fornecer para gerar riquezas.

Os indígenas vivem em nosso continente há muito mais tempo que o branco⁵, sempre se enxergaram pertencentes à natureza, nunca tiveram em seus pensamentos a separação ser humano/Natureza, e não conseguem compreender como nós fazemos essa separação. É muito importante destacar que os ambientes “ocupados por essas comunidades são menos modificados e degradados que as áreas adjacentes [...] suas economias e tecnologias tradicionais são, em geral, ambientalmente apropriadas” (DIEGUES, 2000, p. 239), devido a sua sintonia com o ambiente.

Essa sintonia com o ambiente se mantém presente na memória dos Terena, não perderam essa visão de natureza descrita por Kopenawa. Marcelo Cecé (39 anos) músico e Délio Delfino (60 anos) professor, nos explicou como os Terena, entendem por Natureza:

⁵ Quando os indígenas dizem homem branco, se referem aos não indígenas independente da cor.



A natureza é algo essencial, o índio ele tem uma ligação muito forte com a natureza né, tanto como fonte de alimento, remédio, entendeu? A natureza para nós é isso, é da onde tiramos tudo, hoje mudou muito, mas no passado, desde da moradia era extraído diretamente... diferente de hoje que é comprado material de construção na cidade né, mas antigamente desde da casa da natureza, a própria cama, colchão, o fogão, entendeu? O alimento em si, remédio quando precisava, então é tudo extraído da natureza (Entrevista realizada com Marcelo Cecé, fevereiro de 2020).

Para nós a natureza é a terra, porque é muito sagrada, por que dali tiramos nossa alimentação e é bem diferente da sociedade que se preocupa em ganhar dinheiro encima da natureza, aí vemos grande quantidade de matas derrubadas causando prejuízo para a natureza. A natureza pra mim é isso, mas as pessoas com imensidão de lavouras pensando na finança, no seu enriquecimento dentro da natureza. Nós temos lavoura não em grandes quantidades, mas em pequena quantidade, mas para consumo e sustentar nossas famílias. Planta-se de tudo, a gente precisa da natureza, da terra, nós precisamos da natureza, da terra para viver. A natureza pra mim, ou seja, para o povo terena é muito forte, a natureza para nós é a vida do próprio povo terena, por que a natureza são as matas, os rios, **a própria pessoa** como **ser**, e esse **ser** antigamente precisava da natureza, principalmente para curar doenças, antigamente não tinha médico como temos hoje, então íamos para a natureza, pois os antepassados ensinavam e eles sabiam sobre os remédios dentro da própria natureza. Por isso que falamos que a natureza é muito forte para nós, então dentro da natureza há muitas espécies de plantas que serve para curar a enfermidade, mas hoje em dia não procuramos saber, pesquisar, estudar, não procuramos (se referindo aos jovens) os anciões que ainda está sobre as nossas aldeias, se continuar assim a tendência é acabar e não ter mais história sobre o que é a natureza (Entrevista realizada com Délio Delfino, março de 2019, grifo nosso).

Mesmo vivendo em outras condições o senhor Délio ainda carrega consigo os saberes ancestrais repassados para ele, pois estão gravados em sua memória, “codificado na bagagem tradicional transmitida e refinada de geração em geração” (DIEGUES, 2000, p. 239). Délio ainda frisa que enxergam a Natureza como sagrada, “bem diferente da sociedade que se preocupa em ganhar dinheiro encima da natureza”, se referindo à sociedade capitalista. O que Délio denuncia é corroborado pela professora Michèle Sato: “a humanidade se move pela busca do desenvolvimento, geralmente material, e que o Capitalismo frenético seduz pessoas do mundo inteiro a consumir o planeta” (SATO, 2018, p. 210). Outro ponto a ser destacado na fala dele, é a inclusão do ser humano como pertencente à Natureza, e que no passado dependia apenas dos recursos



in natura para sobreviver, enquanto que a cultura ocidental separou o ser humano da Natureza.

Os Terena ainda hoje, fazem uso das ervas medicinais no chimarrão e utilizam vários recursos naturais em seus artesanatos. As casas, varandas e galpões são construídas com madeira do cerrado e coberta de palha amenizando o calor comparado a um telhado de alvenaria. Medeiros e Sato (2013) afirmam que isso além de refletir a íntima ligação deles com a Natureza, as varandas e galpões são ecológicos e símbolos de adaptação ao ambiente.

Fundamentada nessas compreensões que a Educação Ambiental (EA) tem produzido narrativas de valorização dos saberes das comunidades tradicionais. Esse “processo de aproximação e convivência com culturas indígenas, [construindo uma] postura possibilista, a superação da postura determinista da modernidade cientificista ocidental, que propala o discurso arrogante de quem detém a verdade” (GUIMARÃES; MEDEIROS, 2016, p. 54). Essa compreensão do funcionamento da Natureza e do meio em que vivem é uma grande contribuição dos Terena e dos indígenas em geral, para a humanidade. É preciso repensar, e mudar as ações, já que o desejo da maioria é permanecer vivo pelo tempo que der e puder aqui na Terra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como observamos a pandemia mundial é resultado de um desequilíbrio ecológico que mostra a superioridade da Natureza frente a insignificância do ser humano. A proliferação de doenças é uma das inúmeras consequências do desequilíbrio ecológico. Vimos que o vírus não atinge a todos de maneira igual, sendo mais letal para pessoas de baixa renda, os que vivem em periferias, favelas e aldeias. Assistimos Mato Grosso do Sul entrar na lista dos seis estados



com maior número de indígenas mortos pelo novo coronavírus, sendo a maioria da etnia Terena.

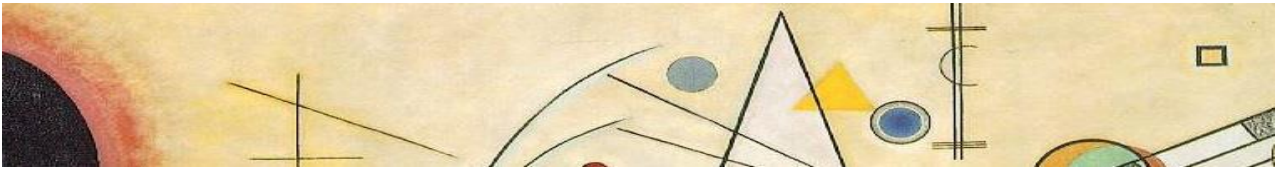
A pandemia revelou as desigualdades sociais e a falta de interesse do Estado com essas pessoas. Estado esse que exhibe seu desmonte no que se refere aos direitos universais de igualdade e acesso à serviços básicos.

O desequilíbrio socioambiental está escancarado ligado ao modelo neoliberal de des-envolvimento. O bem-estar e a saúde da população, são negados pela necropolítica que pratica o racismo ambiental e decide quem será ou não digno de receber água e esgotos tratados, entre outros direitos.

A história tem nos mostrado que esse modelo de sociedade tem sido destrutivo à nossa própria espécie e que devemos repensar nosso estilo de vida e buscar soluções em outras formas de viver. As atenções têm sido voltadas para a forma sustentável de viver das comunidades consideradas tradicionais, pois possuem outros valores.

Esses outros valores foram observados entre os Terena que possuem em sua cultura uma diversidade de conhecimentos, saberes, de epistemologias em suas relações com a natureza. Eles percebem os lugares como ambientes produtores de ensinamentos de pensar e estar no mundo. Essas comunidades tradicionais observaram e compreenderam a biodiversidade com a qual conviviam, e por meio dessa compreensão desenvolveram práticas e técnicas sobre os recursos. Esses saberes são o resultado de traduções para sobrevivência que influenciaram sua cultura e seu ambiente. Devemos olhar para a cultura indígena como fonte de aprendizagem, para a construção de um outro estilo de vida, que compreenda a pluralidade de pensamentos outros, de culturas outras, em colaboração com a manutenção e sustentabilidade planetária.

Embasada nessa percepção, compreendemos os saberes tradicionais da etnia Terena podem e devem ser utilizados no desenvolvimento de uma Educação Ambiental decolonial, na tentativa de socorrer nossa sociedade doente



que necessita uma mudança de olhar, de estilo de vida, de políticas sociais, econômicas e ambientais de igualdade.

REFERÊNCIAS

BITTENCOURT, Circe Maria; LADEIRA, Maria Elisa. (2000). **A história do povo Terena**. Brasília: MEC.

BOULOS, Marcos, (2020). 1 vídeo (5m57s). Publicado pelo canal **Repórter Eco**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6ytj5mvpK0w>. Acesso em: 5 jun. 2020.

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO – CIMI (2020). **Organizações denunciam deputado e membros do governo do MS por criar condições de contaminação por covid-19 entre povo Terena**. Disponível em: <https://cimi.org.br/2020/07/organizacoes-denunciam-governo-do-mato-grosso-do-sul-por-criar-condicoes-de-contaminacao-por-covid-19-entre-povo-terena/#>. Acesso em: 24 nov. 2020.

ECOHEALTH ALLIANCE **Vírus Nipah**. (2020). Disponível em: <https://www.ecohealthalliance.org/2018/05/nipah-virus>. Acesso em: 4 nov. 2020.

FIGUEIREDO, João Batista de Albuquerque. (2010). Colonialidade e descolonialidade: uma perspectiva eco-relacional, in **Entrelugares: Revista Sociopoética e Abordagens Afins**, Fortaleza, v. 2, p. 5-20.

FIOCRUZ. (2020). **Covid-19 não é pandemia, mas sindemia**: o que essa perspectiva científica muda no tratamento. Disponível em: <https://www.cee.fiocruz.br/?q=node/1264>. Acesso em: 25 nov. 2020.

G1. Jornal Nacional (2020). **Situação é crítica em aldeias de Aquidauana (MS)**: quase mil indígenas já tiveram Covid. Mato Grosso do Sul. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/08/20/situacao-e-critica-em-aldeias-de-aquidauana-ms-quase-mil-indigenas-ja-tiveram-covid.ghtml>. Acesso em: 5 dez. 2020.

IPBES. (2018). **The IPBES regional assessment report on biodiversity and ecosystem services for the Americas**. RICE, J.; SEIXAS, C. S.; ZACCAGNINI,



M. E.; BEDOYA-GAITÁN, M.; VALDERRAMA, N. (ed.). Bonn, Germany: Secretariat of the Intergovernmental Science-Policy Platform on Biodiversity and Ecosystem Services, 2018. 656 pages.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. (2015). **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés; prefácio de Eduardo Viveiros de Castro. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. (1976). **Do índio ao bugre**: o processo de assimilação dos Terena. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

MEDEIROS, Heitor Queiroz; SATO, Michèle Tomoko. (2013). Educação ambiental intercultural no Estado do Acre, Amazônia Brasileira. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, Maringá, v. 35, n. 2, p. 211-9.

SATO, Michèle. (2018). Pot-pourri da ecologia de resistência. *In*: SORRENTINO, Marcos (org.). **Educação ambiental e políticas públicas**: conceitos, fundamentos e vivências. 2. ed. Curitiba: Appris. p. 202-11. (Sustentabilidade, Impacto, Direito, Gestão e Educação Ambiental).

VIEIRA Carlos Magno Naglis. (2010). A sociodiversidade indígena no Brasil. *In*: URQUIZA, Antônio Hilário Aguilera (org.) *et al.* **Conhecendo os povos indígenas no Brasil contemporâneo**. Módulo 2. Campo Grande, MS: Ed. UFMS. p. 9-30.

WALSH, Catherine. (2009). Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: insurgir, re-existir e re-viver. *In*: CANDAU, Vera Maria (org.). **Educação intercultural na América Latina**: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras. p. 12-43.